

## A LUTA FEMININA SOB OS PADRÕES DE OPRESSÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Alliny Dayse Firmino Bezerra, Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS

Francisco Felipe Carneiro Neves, Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS

José Erison Noronha Felix, Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS

Luana Félix Araujo, Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS

Lucas de Queirós Cavalcante, Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS

Rita de Kássia Custódio Claudino de Almeida, Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS

Tadeu Lucas de Lavor Filho - Orientador - Mestre e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC/Professor de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado - UniVS

**Contato:** [tadeulucas@univs.edu.br](mailto:tadeulucas@univs.edu.br)

---

### INTRODUÇÃO

No contexto histórico e contemporâneo vivenciado pela sociedade se sucede sobre a mulher inúmeros regimes de opressão de sua vida em todos os aspectos possíveis, características que as perseguem desde as suas vestimentas até a forma em como elas devem se comportar enquanto corpos sexuados e genderizados, de tal modo que qualifica socialmente um suposto lugar do que é ser “mulheres”. Caso estas expectativas sociais não sejam cumpridas elas padecem de julgamentos por não seguir tais condições que lhes foram impostas historicamente e estruturalmente. Toda essa opressão e rotulação sobre a mulher é fruto de um sistema patriarcal que se perpetua socialmente de forma que abusa e oprime a sua liberdade, criando um processo de hierarquização e autoridade do sexo masculino superior ao feminino.

Tendo em vista que o patriarcado rege demasiadamente as comunidades e, conseqüentemente, rotula mulheres como submissas ao sexo masculino, a propagação das identidades inferiorizadas se fazem presente de forma colossal. Historicamente a posição de oprimida resume o potencial feminino à servidão. Vale ressaltar que toda essa conjuntura hierárquica desenvolvida tem raízes coloniais, que se agravam ainda mais quando se trata de mulheres negras. De acordo com Sueli Carneiro (2020), no

artigo: *Enegrecer o feminismo, a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero*, as mulheres negras tiveram uma experiência histórica dissemelhante, que não é contemplado nos discursos mais tradicionais das lutas contra opressão da mulher, pois a opressão ocorrida para com mulheres negras e brancas é estruturalmente diferente, em que as mulheres negras foram mais vulnerabilizadas (CARNEIRO, 2020).

Posto isto, se faz necessário discutir acerca da construção das práticas sociais que regem a comunidade/população que acata e reproduz ideias de opressão e submissão da mulher. A partir do momento que um indivíduo pertence a um grupo social, este é moldado por regras e práticas, como também pela interação com outros indivíduos fomentando assim, um *modus operandi* de sociabilidade. Assim sendo, a identidade social atribuída a alguém advém de representações deste próprio e de outrem que esteja no mesmo meio social (FERNANDES & PEREIRA, 2017).

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho se constituiu em uma análise bibliográfica, utilizando de abrangentes conceitos pertinentes na literatura acerca do preconceito, feminismo, preconceito de gênero, identidade e comunidade. Para isso, as buscas na literatura se deram na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e no portal de busca livre *Google Acadêmico*, além de livros em estantes pessoais e, para fins análogos, letras de músicas.

A análise bibliográfica facilitou a identificação de brechas e possibilidades que contemplem o conhecimento pesquisado, pois é um método feito a partir de referências teóricas já referendadas e publicadas, através do levantamento de dados, informações e questões acessados no material selecionado, conectando o pesquisador a assuntos com a qual já tenha tido contato. Assim, propiciando um caráter exploratório do assunto (FONSECA, 2002).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A luta traçada pela mulher com relação aos pensamentos sexistas ligados ao corpo feminino foi e tem sido uma das intervenções mais revolucionárias do Movimento feminista contemporâneo. A figura feminina esteve sempre ligada à submissão e, com isso, o papel da mulher era deliberado estruturalmente no discurso social de que “a mulher nasceu para ser mãe”, e o quanto a sua imagem seria o medidor das suas qualidades, sendo notada como uma mulher de beleza exuberante para atrair, principalmente os homens, levando a um caráter sexualizado dos corpos femininos. Este contexto se insere em aspectos de luta sobre a figura feminina há décadas, sendo levado como um dos marcos de importância a superação, no qual um deles foi sobre a vestimenta feminina, que ainda era muito

discriminado no contexto social, de modo que estas deveriam se vestir de maneiras que fossem de acordo com o cerceamento de suas liberdade corporal. Embora ainda sejam predominadas por discursos machistas, as mulheres criaram a própria autonomia em suas roupas. Por isso que, de acordo com o livro *“O feminismo é para todo mundo”*, as mulheres de hoje não chegaram a conhecer tais restrições que existiam em questão de época, mas podem apenas confiar na batalha que tiveram. Ainda que, hodiernamente sejam julgadas por suas roupas, que logo são rotuladas pelo que usam (HOOKS, 2018).

No trecho da música *Pretty Hurts- Beyoncé*, *“perfection is a disease of a nation”*, aborda como a “perfeição” é algo estipulado pela sociedade, lutas enfrentadas a anos com relação ao culto de corpos esbeltos, para desfazer tais estereótipos, nos mostra o poder de manipulação que a sociedade possui e um dos meios que está mais em evidência nos tempos atuais seriam as mídias sociais em que diariamente são bombardeios de conteúdos neste sentido. O nível de manipulação é exorbitante ao ponto de mulheres se submetem a métodos estéticos específicos, pelo o simples fato de entrar em um padrão, em que nem deveria existir. A luta para mudar esses conceitos é constante, o quanto o feminismo vem evoluindo e colocando cada vez mais em pauta ações coletivas que envolvem o corpo da mulher, sendo ações que se incluem encontros nacionais feministas com centralidade de discutir e debater temas relacionados ao empoderamento feminino (ALMEIDA, 2014).

Apesar de grandes mudanças históricas percorridas na sociedade, as mulheres continuam em um contexto vulnerável que consistem em uma batalha para obterem espaço social em seu lugar merecido, que vai muito além do "lugar de mulher é na cozinha". Este dito popular remete a uma entonação machista propagada por uma sociedade desconstruída. De certo modo, a figura feminina perpassa por essa luta com o intuito de serem ouvidas, mas por vezes serem oprimidas (AZEVEDO & SOUSA, 2019). No entanto, apesar de ser pouco, é notificado um pequeno espaço conquistado pela mulher na atualidade. Assim como diz a música *“Dona da minha vida - Rouge”*, relata que por vezes se sentiu inferior, mais chegou o momento de mostrar o poder, e diz *“sou eu, dona da minha vida, eu mereço ter o que tirou de mim, vou encontrar a saída”* mostrando que vale a pena lutar, não se calar e, que lugar de mulher é onde ela quiser ser e estar.

## CONCLUSÕES

A figura feminina cresce com um sentimento de inferioridade advindo da cultura de uma sociedade, na qual luta diariamente contra esses preceitos para mudá-los, pois é rotulada como uma pessoa destinada a funções estereotipadas. Para as gerações, é típico as meninas começarem a ajudar a mãe em casa desde pequenas e quando crescerem se dedicar ao cuidado do lar, do cônjuge e dos filhos. As mulheres nesse regime social recaem a serviço de uma lógica de classificação de normas

sexistas e generificadas, sendo vista como uma máquina em seu dever de cumprir, já imposto na divisão de gêneros, produzindo sua representação social subjetiva como errada e obsoleta, seja qualquer uma que tente mudar esse padrão. Visto que, quando se trata da divisão social masculina e feminina, o homem sobressai como supridor e mantenedor da ordem, que se conecta ao estigma de opressão sofrida em sociedade pela mulher.

“O que se passa, então, é algo que poderia ser pensado como a vivência singular dos padrões de opressão - que organizam representações do feminino e potencializam formas de auto identificação dos outros e pelos outros. A ‘diferença’ corresponde, portanto, a padrões que caracterizam e identificam na mesma medida em que constroem e hierarquizam” (Biroli, 2013, P. 93).

Em virtude dos fatos mencionados destaca-se a perseverança da mulher a anos em mudar os padrões esdrúxulos em que são estimadas, o quanto é questionado o como se deve ser as suas vestimentas, o modo em que deve se portar, ou até mesmo como deve lidar perante a sua própria família. São vários os rótulos criados para a manutenção de uma sociedade em que a mulher tem o dever de seguir a risca. Os movimentos feministas em que se acendeu esse estopim de mudança desde a década de 1960, ao incentivá-las a lutar pela sua liberdade de tais pensamentos sexistas, aquilo que vem sendo o aprisionamento desde o período colonial, nos mostra a importância de tais movimentos nos tempos atuais para o que vem sendo conquistado há décadas não retroceda.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tânia. Dossiê: Gêneros e feminismo(s): novas perspectivas teóricas e caminhos sociais, **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, agosto 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000200002> Acesso em: 2022.

AZEVEDO, Mileane; SOUSA, Luciano. Empoderamento feminino: Conquistas e desafios. **SAPIENS - Revista de divulgação científica**, UEMG Carangola, v.1 n.02, p. 01-12, Outubro 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/view/3571/pdf> Acesso em: 2022.

BIROLE, Flávia. Autonomia, opressão e identidades: a ressignificação da experiência na teoria política e feminista. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, 21(1): 81-105, janeiro-abril/2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/qy9rcLxgkMgnyXDxnZCHQSp/?lang=pt#> Acesso em: 2022.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **NEABI**, Pernambuco, agosto de 2020. Disponível em: <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf> Acesso em: 2022.

FERNANDES, Sheyla; PEREIRA, Marcos. Endogrupo *versus* Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Estudos e Pesquisas em

Psicologia, vol. 18, núm. 1, p. 30-49, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4518/451858897003/html/> Acesso em: 2022

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.